

14

Universidade do Rio de Janeiro  
Pro-Reitoria de Ensino e Graduação  
Centro de Ciências Humanas  
Escola de Museologia

Universidade Gama Filho  
Vice-Reitoria Comunitária  
Museu Universitário Gama Filho

Copy desk e edição: Mário de Souza Chagas e  
Vânia Dolores Estevam de Oliveira

069 Mensch, Peter van, 1947.  
O objeto de estudo da museologia / Peter van Mensch; tradução: Débora Bolsanello e Vânia Dolores Estevam de Oliveira. Rio de Janeiro: UNI-RIO/UGF, 1994.  
1. Museologia - Teoria 2. Pesquisa Museológica  
3. Museu

Universidade do Rio de Janeiro (UNI-RIO)  
Universidade Gama Filho (UGF)

**O OBJETO DE ESTUDO DA MUSEOLOGIA**  
Peter van Mensch

**PRETEXTOS MUSEOLÓGICOS 1**

Centro de Ciências Humanas  
Escola de Museologia  
Museu Universitário Gama Filho  
1994

S1 SMO 23 300 RJ F

FOL 3969

### **Apresentação**

A união faz a força, mas também pode gerar publicações, exposições, pesquisas, estudos e muito mais. A prova ai está. A publicação do texto **O objeto de estudo da museologia**, de autoria de Peter van Mensch, professor de teoria museológica da Reinwardt Academie da University of Leiden, só foi possível graças ao somatório de esforços da Escola de Museologia da UNI-RIO e do Museu Universitário Gama Filho da UGF.

O texto, inédito em língua portuguesa, busca refletir de modo crítico sobre as tendências da museologia nos últimos vinte anos.

Com esta publicação inaugura-se também a série **Pretextos Museológicos**, cujos objetivos são movimentar as idéias, criar um lastro bibliográfico, estimular a reflexão e o debate, e colaborar para o processo de construção da museologia.

As dificuldades para manutenção e continuidade das iniciativas nos campos da cultura e da educação são muitas. Oxalá, os nossos **Pretextos Museológicos** consigam ir em frente.

Os editores

**DEDALUS - Acervo - MAE**



21600021496

## O OBJETO DE ESTUDO DA MUSEOLOGIA

O primeiro a discutir o conceito de objeto de estudo da museologia foi J. Neustupny (nos anos 50). A discussão teve lugar posteriormente, no começo dos anos 60, na República Democrática Alemã, onde um grupo de trabalho definiu o GESAMTHEIT DER MUSEUMSARBEIT (a totalidade das atividades de museu) como objeto de estudo. A discussão alemã continuou durante o I Simpósio sobre Teoria Museológica (em Brno, 1965). Os participantes do simpósio não chegaram a nenhuma conclusão (afinal, não era este o objetivo do encontro). O trabalho do Comitê Internacional de Museologia (ICOFOM) trouxe muitos conceitos novos. Em 1986, o Comitê decidiu organizar um workshop para ter acesso ao estado da arte. Infelizmente, os resultados desse workshop nunca foram publicados e por esse motivo não puderam ter nenhuma influência sobre o desenvolvimento do pensamento relativo ao estado e conteúdo da museologia como disciplina acadêmica.

Desde 1965, a diversidade de visões em relação ao conteúdo da museologia parece ter proliferado enormemente, ao invés de cristalizar-se em poucas e bem definidas escolas de pensamento. Por essa razão Z. Z. Stransky não quis usar o termo "objeto de estudo", preferindo "tendência de conhecimento" (tendency of knowledge). Ao mesmo

tempo W. Gluzinski enfatizou que no presente estágio de desenvolvimento da museologia, temos que aceitar que não há um objeto de estudo, mas vários, em conexão com as diferentes esferas de trabalho no museu (e por isso mesmo vinculados a outras disciplinas). Durante o simpósio do ICOFOM realizado em Hyderabad em 1988, a questão discutida foi se um mesmo corpo teórico e prático seria válido em todo o mundo. A opinião geral, expressa pelos museólogos de diferentes partes do globo, admitiu que no nível mais elevado de abstração, só há uma museologia. No nível prático, no entanto, podem haver muitas diferenças de acordo com as condições culturais e sócio-econômicas locais. Não se pode negar, todavia, que aquelas opiniões no que se refere à identidade da museologia no nível mais elevado de abstração, são bastante variáveis.

Em maio de 1986, o ICOFOM organizou um workshop que objetivava a análise dos papers apresentados, tendo como ponto de partida a questão: "Museologia - ciência ou apenas técnica?" Durante o desenvolvimento dos trabalhos, o problema principal pareceu ter sido o caráter fragmentário dos muitos papers. Algumas contribuições aos temas do ICOFOM foram retiradas de teorias mais completas das quais as estruturas principais foram publicadas em outro lugar, às vezes na forma de um livro (Benes, Deloche, Gluzinski, Gregorová, Schreiner); às vezes em uma

série de artigos de diferentes periódicos (Desvallees, Jahn, Maroevic, van Mensch, Razgon, Russio, Sola, Stransky, Swiecinski).<sup>1</sup> Um fator complicador extra é a língua na qual esses livros e artigos são escritos. Excetuando-se o inglês e o francês, há o tcheco, o holandês, o alemão, o polonês, o português, o russo e o servo-croaciano.

Uma análise da discussão museológica dentro (e fora) do ICOFOM nos dá a seguinte diversidade de opiniões:

- a - A museologia como o estudo da finalidade e organização dos museus;
  - b - A museologia como o estudo da implementação e integração de um certo conjunto de atividades, visando à preservação e uso da herança cultural e natural:
    - 1. dentro do contexto da instituição museu
    - 2. independente de qualquer instituição
  - c - A museologia como o estudo:
    - 1. dos objetos museológicos
    - 2. da musealidade como uma qualidade distintiva dos objetos de museu.
  - d - A museologia como o estudo de uma relação específica entre homem e realidade.
- Essa tipologia nada mais é do que um esboço, a grosso modo, das principais orientações encontradas na literatura sobre museologia. Não é um inventário das escolas museológicas. Alguns autores são inclinados, por exemplo, a referir-se à última

abordagem como a escola tcheca, mas esse conceito está embasado em conhecimento insuficiente acerca da situação na Tchecoslováquia. Há uma diferença marcante entre Neustupny, Benes, Jelinek e Stransky. Na Tchecoslováquia, bem como em quaisquer outros países, o desenvolvimento da museologia vincula-se mais ao desempenho de indivíduos isolados do que ao de organizações.

### **Museologia Como o Estudo da Finalidade e Organização de Museus**

Essa visão é a mais popular entre os profissionais de museus. Vem de uma longa tradição. Muitos dos que participam da discussão museológica referem-se à definição de museologia proposta no Seminário Internacional de Museus Regionais, promovido pela UNESCO no Rio de Janeiro, em 1958. De acordo com essa definição, museologia é um ramo do conhecimento que diz respeito aos objetivos e à organização de museus. Em 1972, o ICOM elaborou uma definição mais detalhada, na qual conceituava a museologia como o estudo da história e trajetória dos museus, seu papel na sociedade, seus métodos específicos de pesquisa, conservação, educação e organização, seu relacionamento com o ambiente físico e a classificação dos diferentes tipos de museus. Essa definição norteou os objetivos da maioria dos programas de treinamento em museus. Não é por

coincidência que tais programas são comumente chamados de estudos de museus (museum studies) ao invés de museologia.

Durante os anos 70, o conceito de museologia como ciência dos museus foi também o ponto de vista dominante na República Democrática Alemã. As dissertações de I. Jahn (1978 - publicada em 1979/1980) e K. Schreiner (publicada em 1982) renunciaram o fim dessa abordagem.

### **Museologia Como o Estudo da Implementação e Integração de um Conjunto de Atividades Visando à Preservação e Uso da herança Cultural e Natural**

Em 1978, o museólogo russo A. M. Razgon definiu museologia como "uma disciplina científica que estuda as leis da origem e desenvolvimento dos museus...". Ele acrescentou entretanto que: "um dos principais temas da museologia é o estudo das características específicas dos objetos - fontes originais de informação...". Posteriormente (1982), Razgon mudou sua definição de museologia: "museologia é uma ciência social que estuda os objetos de museu como fonte de conhecimento." Finalmente, no capítulo sobre teoria da museologia de seu livro sobre museus históricos (1988), Razgon define museologia como uma ciência social que se ocupa dos processos e leis relativos à preservação da informação social, bem como à transferência de conhecimento e emoções por

meio dos objetos museológicos. A museologia também estuda o museu como um fenômeno social que evoluiu com a história, suas funções sociais e as técnicas de trabalho em diferentes sistemas sócio-econômicos. Consequentemente, o objeto de estudo abarca o complexo de leis específicas que regem os processos de preservação e comunicação dentro da instituição museu, assim como sua origem e funcionamento.

Em seu pensamento museológico, A. M. Razgon parece ter lutado com a hierarquização de 3 parâmetros: a instituição, o conjunto específico de atividades desenvolvidas na instituição e o acervo. O ponto principal da teoria museológica, ou seja, seu objeto de estudo, deslocou-se da instituição(1978) para o acervo(1982) e daí para as atividades(1988). Com isso, ele chegou a um ponto em comum com alguns museólogos tchecos como J. Neustupny e J. Benes, e também com alguns museólogos alemães como I. Jhan, K. Schreiner e V. Schimpff. Benes define a museologia como a “teoria das atividades e meios através dos quais a sociedade, com a ajuda de instituições especiais, escolhe, preserva e utiliza objetos autênticos para ilustrar o desenvolvimento da natureza e da sociedade humanas”. A mesma abordagem é defendida por Schreiner, que define o objeto da pesquisa museológica como “o conjunto das propriedades e leis estruturais e de desenvolvimento que determinam o processo de coleta, preservação, interpretação, investigação,

exposição e comunicação de objetos móveis que são autênticas fontes de informação e podem, como tal, fornecer evidências do desenvolvimento da sociedade e da natureza, servindo com isso ao propósito de adquirir conhecimento, partilhá-lo e dividir experiências emocionais”.

O museólogo hindu V. S. Bedekar define a museologia na mesma direção: “museologia é a conceituação e codificação profissional de procedimentos recomendados e validados para se atingir os objetivos do serviço de museu”. Usando o termo “serviço de museu” (museum service) ao invés de “atividades de museu”, Bedekar parece estabelecer uma ponte entre os conceitos de Jahn e os de Gregorová, como adiante apresentados. Ele rejeita a desvinculação entre museologia e museus, por considerá-la “especulação filosófica ou jogo de palavras.”

A abordagem centrada na atividade também foi expressa nas primeiras publicações de P. van Mensch. “A museologia é definida como o conjunto de teoria e prática envolvendo o cuidado e o uso da herança cultural e natural” (1983). Contrariamente às abordagens do leste europeu, neste enfoque as atividades não são vistas como aquelas executadas exclusivamente dentro do contexto de uma instituição museológica. Em outras palavras: há também uma museologia extra-museus.

No simpósio do ICOM de 1983 sobre metodologia da museologia, outros pontos de vista foram expressos. Dois autores viam o objeto de estudo da museologia como sendo uma só atividade, quer seja colecionar (J. Hodge) ou comunicar (K. Myles). Myles relata essa atividade como exclusiva dos museus, enquanto Hodge vê a tendência do homem a colecionar objetos naturais e manufaturados como um fenômeno que também poderia ser encontrado fora do museu. Para Hodge, o museu é uma manifestação da museologia. Bibliotecas, arquivos, jardins botânicos e zoológicos e mesmo antiquários são também manifestações da museologia. Em MUWOP 1, J.L. Swauger também advoga a favor de uma museologia que está baseada no ato de colecionar, o que se constitui em qualidade peculiar aos museus. Swauger difere de Hodge ao considerar a museologia restrita aos museus.

### **Museologia Como o Estudo dos Objetos de Museu**

Há uma conexão inegável entre o conceito de museologia como estudo dos objetos de museu e o reconhecimento de que a interpretação dos objetos seja a característica central e mais distintiva do trabalho do museu. No simpósio de 1965 em Brno (Tchecoslováquia), Z. Bruna definiu o objeto da compreensão museológica como: o problema relativo ao material, aos objetos móveis, autênticas peças da realidade objetiva, os quais - tendo perdido suas

funções originais e agora obsoletas - têm adquirido, estão adquirindo ou vão adquirir novas funções como evidência de sua trajetória. Um ponto de vista similar foi refletido no ENTWURF VON THESEN ZUR MUSEUMWISSENSCHAFT publicado na República Democrática Alemã, em 1964. Em concordância com a arqueologia e a biblioteconomia, foi sugerido que se chamasse a museologia de uma ciência da documentação cuja tarefa é dar acesso, colecionar, conservar etc. os objetos como fontes primárias. Este enfoque foi muito criticado. Os participantes desse trabalho foram acusados de subordinar todas as disciplinas a um presumível objeto de estudo da museologia.

O ponto de vista de Bruna, tal como o expresso no documento mencionado acima, teve suas raízes na teoria museológica desenvolvida na União Soviética a partir de 1930. Essa abordagem pode também ser encontrada em publicações anteriores de A. M. Razgon, como acima foi indicado. Ilse Jahn, por seu turno, inicialmente tendeu a considerar o objeto museológico como objeto de estudo da museologia. Logo depois, ela sentiu a necessidade de separar a museologia das demais disciplinas de modo mais claro. Uma definição baseada em atividades específicas envolvidas com a transformação do "Sachzeuge" (testemunho) em "Museale Sachzeuge" (documento museológico) trouxe uma solução melhor.

## **Museologia Como o Estudo da Musealidade**

Na literatura museológica, alguns mal entendidos podem ser observados em relação ao conceito de musealidade, tal como desenvolvido por Z. Z. Stransky. Este mal entendido envolve a extensão do conceito de musealidade como uma propriedade do objeto enquanto documento. A confusão deveu-se parcialmente às definições bastante vagas dadas por Stransky e também ao fato de que suas idéias mudaram. Inicialmente, em sua contribuição ao simpósio de Brno em 1965, Stransky definiu o objeto de estudo da museologia como "o reconhecimento do documento primário." Em 1974, em uma apostila do curso de museologia da Universidade Jan E. Purkinje (Brno), a tarefa da museologia foi descrita como sendo a de "perceber e identificar... documentos que em todos os aspectos representem melhor certos valores sociais." A esse valor documentário Stransky chama de musealidade. Ele acrescenta: "O objeto intencional de conhecimento da museologia é a musealidade, concebida no contexto histórico e considerando a função social presente e futura, como um todo. Em 1980, Stransky ainda fala de musealidade como um "aspecto específico da realidade", mas sua definição de museologia mudou: "A missão da museologia é interpretar cientificamente essa atitude do homem em relação à realidade (i.e. a atitude específica que encontra sua expressão na tendência de adquirir e

preservar autênticas representações de valores) e fazer-nos entender a musealidade em seu contexto histórico e social." Com esse novo conceito da intenção cognitiva da museologia, seu conceito de musealidade passou de uma categoria de valor a uma orientação de valor específica (vide adiante).

O antigo conceito de musealidade de Stransky refletiu-se no trabalho de I. Maroevic. Em relação a Stransky, Maroevic considera a musealidade como o objeto específico de pesquisa na museologia: "A museologia lida com o estudo sistemático dos processos de emissão de informação, contida na estrutura material da museália." Maroevic distingue dois tipos de informação: científica e cultural. A informação científica define principalmente os fenômenos científicos; a informação cultural lida com o(s) valor(es) atribuído(s) ao objeto no contexto social. Conforme Maroevic, as disciplinas específicas fazem uso da informação científica, enquanto a museologia se interessa pela informação cultural.

### **Museologia Como o Estudo da Relação Específica do Homem com a Realidade**

Muitos autores referem-se a Stransky como o "pai" desse tipo de abordagem na museologia. Como apresentado acima, esse ponto de vista foi desenvolvido no final dos anos 70. Em 1980, Stransky formula o objeto da museologia como sendo "uma abordagem específica do homem frente à realidade cuja

expressão é o fato de que ele seleciona alguns objetos originais da realidade, insere-os numa nova realidade para que sejam preservados, a despeito do caráter mutável inerente a todo objeto e da sua inevitável decadência, e faz uso deles de uma nova maneira, de acordo com suas próprias necessidades.”

Este conceito de museologia tornou-se conhecido por um público maior especialmente através da contribuição de Anna Gregorová ao MUWOP I. Esta contribuição tornou-se um dos artigos mais citados durante os simpósios do ICOFOM. Para ela, museologia é “a ciência que estuda a relação específica do homem com a realidade, que consiste na coleção e conservação intencional e sistemática de objetos selecionados, quer sejam inanimados, materiais, móveis e principalmente objetos tridimensionais, documentando assim o desenvolvimento da natureza e da sociedade, e deles fazendo uso científico, cultural e educacional”. Gregorová compara essa relação específica do homem com a realidade à relação do museu com a realidade. Embora Stransky fale de um “certo relacionamento do homem com a realidade como objetivado no museu”, ele critica Gregorová por limitar-se demais ao museu. Isso depende da definição de museu. O conceito tradicional de museu do séc. XIX é apenas uma das formas pelas quais essa relação é objetivada; a museologia engloba as formas de museu passadas, presentes e futuras.

O museólogo polonês Wojciech Gluzinski trabalha na mesma direção. Ele prevê uma emergência gradual do que chama de Museologia Postulada (MP). No presente estágio, a museologia representa um empirismo estreito, baseado no museu como sendo um conglomerado funcional de atividades concretas objetivando a preservação e uso dos objetos. A museologia postulada, entretanto, deve preocupar-se com a essência do museu (o fator M), que é em primeiro lugar “uma questão de significados que num sistema cultural representam todas as coisas que fazem um museu.” O fator M refere-se à atribuição e transmissão de valores (simbólicos) incorporados aos objetos. “Por isso, de um lado, a área de conhecimento da MP, estaria na área dos sentidos e, de outro, na área de comportamentos culturais específicos (...), é nestes que os fenômenos museológicos tornam-se manifestos”. Assim, o museu é visto como um sistema de comportamentos culturais específicos.

A abordagem de Gluzinski aproxima-se muito da de Stransky. Outros museólogos, cujas idéias estão muito relacionadas com as de Stransky ou nelas são baseadas, são Gregorová (mencionada acima) e Waldisa Russio. Nos seus escritos, Stransky frequentemente refere-se a Gluzinski e Russio como museólogos que sustentam pontos de vista semelhantes ao seu. Russio fala do fato museal ao invés de musealidade como o foco da pesquisa museológica.

Ela define o fato museal como “a profunda relação entre o homem, sujeito que conhece, e o objeto, isto é, aquela parte da realidade a qual o homem pertence e sobre a qual tem poder de ação.” Sendo uma palestrante, como Stransky, Russio influenciou muitos museólogos no Brasil? como Marcello Araújo, Heloisa Barbuy e Cristina Bruno. Todos os três também deram contribuições aos simpósios do ICOFOM.

Embora defina a museologia como ciência dos museus, Soichiro Tsuruta descreve a possibilidade da museologia como disciplina independente preocupada com a relação entre o objeto e o homem. Nesse ponto, parece influenciado por Stransky. Judith Spielbauer é outra museóloga cujas idéias sobre museologia são influenciadas pela discussão do ICOFOM, como atesta a afirmação a seguir: “se a museologia é o estudo e a compreensão do processo de preservação ativa e integrada ao invés do estudo da instituição museu em si, novas possibilidades surgem. Em tal conceito de museologia, o termo “ativo” expressa a interação dinâmica e contínua entre o indivíduo/público/comunidade e a evidência/informação/compreensão disponível dentro de um espaço museológico específico.” (De sua contribuição ao ICOFOM na conferência de Hyderabad, em 1988).

Em 1982, Tomislav Sola propôs a expressão *Patrimoniologia (Heritology)* para o alargamento do conceito de museologia, que não é mais centrado no

museu, mas lida com a nossa atitude em relação a nossa herança como um todo. Entretanto, ele continua a usar o termo museologia para esse conceito mais amplo. Esta preferência é partilhada com van Mensch, Pouw & Schouten. Nas suas contribuições para o simposio de Londres em 1983, fazem referência à definição de herança dada pela UNESCO. Esta definição cobre uma variedade grande de fenômenos. Concomitantemente, a museologia é considerada como uma disciplina relacionada ou até mesmo uma área que inclui as disciplinas de gerenciamento de arquivos, bibliotecas, preservação histórica etc.

#### Discussão

A abordagem museológica centrada na instituição pode ser considerada como a abordagem intuitiva pertencente ao(s) primeiro(s) estágio(s) de desenvolvimento da disciplina. Vários autores deixaram claro que o museu não pode ser objeto de estudo uma vez que é sómente uma estrutura organizacional de referência, ou - nos termos de I. Jahn - um “produto secundário.” A analogia frequentemente usada, é que a pedagogia não é a ciência da escola e a medicina não é a ciência do hospital. Entretanto, para otimizar suas operações, todo museu tem que fazer uso dos princípios gerais da museologia, bem como toda escola insiste nos princípios gerais da pedagogia. O comentário é um eco ao ponto de vista de

J. Neustupny. Paralele, o museu não pode ser um objeto de estudo posto que apenas representa um instrumento condicionado historicamente para a integração de diversas disciplinas.

G. E. Burcaw não concorda com essa crítica. Como é pragmático, ele cre que cada "teoria deveria resultar numa aplicação prática para o bem do homem." Essa aplicação prática pode ser facilmente encontrada ao nível da instituição-museu. A abordagem pragmática de Burcaw, todavia, não vai ao encontro das objeções expressas por E. Hofmann. Hofmann aponta que as abordagens centradas no museu evitam os problemas reais, dentre os quais a relação entre a museologia e as demais disciplinas específicas. Como já foi demonstrado por Neustupny, Jahn e outros, este problema não pode ser resolvido ao nível do museu enquanto instituição.

A definição de museologia como ciência da instituição-museu está ligada à definição de instituição. Burcaw, compreendendo a museologia como o estudo da instituição-museu aceita que o termo "refere-se ao museu contemporâneo como definido por nossas organizações profissionais." Como tal, a museologia não se aplica bem às atividades que na atualidade são desenvolvidas por museus particulares, comerciais e gerenciados por leigos, nem é realmente aplicável ao trabalho do típico museu do passado. Além disso, não pode ser aplicada com nenhuma certeza à atividade

do museu do futuro." Pelo mesmo motivo, Tomislav Sola rejeita a idéia da museologia como a ciência dos museus, porque a "idéia de museu na atualidade é muito estreita para conter todas as atividades consideradas museológicas, ainda mais quando incluímos entre estas atividades aquelas relacionadas com o meio ambiente e a sociedade; por esta ótica a disciplina da museologia tende a ficar cada vez mais bloqueada, repetindo a mesma limitação da instituição original." Lynn Teather partilha dessa mesma crítica. Ela afirma que enquanto a museologia for definida com base na instituição-museu, será necessário criar um outro estudo ou estudos que se apliquem às instituições relacionadas ao museu(...)." Bernard Deloche tem opiniões semelhantes, bem como Gluzinski. Este último retoma a discussão dizendo que o objeto de uma disciplina científica nunca é idêntico a nenhum domínio da realidade objetiva, mas ao seu aspecto específico. Muitas ciências podem dedicar-se a um dado domínio da realidade, mas cada uma delas terá como objeto um aspecto diferente dessa realidade. Por isso, o domínio da realidade não define o objeto de investigação de uma dada disciplina. Em outras palavras, a instituição-museu não se encaixa nos pré-requisitos.

Uma solução para essa abordagem baseada na instituição é oferecida pela abordagem baseada na função. A proposição fundamental nos diz que as

funções por si só representam algumas tendências básicas das diferentes sociedades mais diretamente do que suas manifestações institucionais. A crítica vem de Gluzinski, que opõe-se especificamente à visão de Schreiner. A crítica do primeiro focaliza a alegada unidade das atividades básicas. Cada atividade é em si um processo complexo e segue seu próprio curso, apontando para diferentes resultados. Nesse aspecto, a abordagem defendida por P. van Mensch, P. Pouw & F. Schouten na primeira publicação da abordagem museológica da REINWARDT ACADEMIE não pode ser satisfatória. "Pesquisa", significando pesquisa sobre um assunto, não deve ser considerada parte da museologia. A confusão vem do fato de que a instituição-museu ainda é usada como estrutura geral de referência. Não se faz distinção clara entre as funções do museu e as funções da museologia.

A transição da museologia da fase empiricamente descritiva para a fase teoricamente sintética está relacionada com o reconhecimento do valor do objeto/coleção como portador de documentação cultural. Nesse aspecto, não é de surpreender que algumas tentativas têm sido feitas para associar a intenção cognitiva da museologia aos objetos de museu. O museólogo alemão E. Hofmann critica este ponto de vista dizendo que não só a relação entre a museologia e seu objeto de estudo permanece obscura, mas o conceito de objeto de museu também não está

claramente definido. Schreiner mostra que o valor documentário está sempre relacionado ao campo de, pelo menos, uma disciplina específica. Não há valor documentário geral que justifique o ponto de vista do objeto museal como objeto de estudo da museologia. A distinção feita por Marovic entre informação científica e informação cultural vai ao encontro da opinião de Schreiner, Jahn e Benes que explicam que por essa via, nenhuma distinção pode ser feita entre museologia e as disciplinas específicas.

O conceito de musealidade de Stransky (tanto o antigo quanto o atual) foi fortemente criticado por K. Schreiner. Para o último, o valor documentário não é propriedade de um objeto como tal, é atribuído ao objeto somente no contexto de uma disciplina particular, especializada. Em sua crítica, Schreiner enfatizou o fato de que não pode haver um valor geral. Ele considera que o conceito de musealidade é um produto do pensamento burguês. De qualquer forma, mesmo sendo aceito, o conceito de musealidade, conforme Schreiner, só tem validade se for considerado como uma parte da teoria museológica. Isso reflete a crítica expressa por Benes, que afirma que musealidade é só um critério que capacita o museu a diferenciar objetos de museu de outros artefatos, o que não é suficiente para constituir o assunto de uma disciplina (ou o seu objeto de estudo). Além disso, a abordagem parece mais preocupada com o indivíduo do que com

a sociedade como um todo. Contudo, em publicações recentes, Benes parece inclinar-se para as idéias de Stransky. Hofmann considera também esse ponto de vista válido, mas vago.

Burcaw considera a extensão do conceito de museologia como uma tendência inevitável. Comentando um artigo de 1983 de van Mensch, Pouw & Schouten, Burcaw escreve: “acho que nossos amigos holandeses estão indo longe demais (...). Acho que não há porque dizer que os museus e a prática de museus abarcam tudo.” Uma opinião similar é formulada por Schreiner: “Precisamos de uma nova teoria de museologia que ajude nossa atividade prática nos museus. Primeiro de tudo, nós somos museólogos e não patrimonialistas.. De acordo com Schreiner há uma necessidade de diferenciar e respeitar a existência de campos científicos já existentes como a biblioteconomia e a arquivologia. O museólogo francês Andre Desvallees mostra uma atitude ambivalente. De um lado, quer separar a museologia da arquivologia etc. De outro, admite ser difícil esclarecer as distinções entre categorias de objetos. Então chega à mesma conclusão de Burcaw, que sugere o uso de outros termos, como estudos da cultura material, ao invés de fixar o termo museologia para esta conceituação tão ampla. Tal termo foi proposto por Sola, que fala de patrimonialogia.

Apesar da crítica e do fato de que no campo

museológico a definição centrada na instituição ainda encontra muitos adeptos, parece haver uma mudança gradual dentro do ICOM no que diz respeito a esta definição que enfatiza a essência da instituição. De um lado, essas definições são limitadas ao museu; por outro, o objetivo estende-se para além do museu e tende a englobar a herança cultural como um todo.

### **Conclusão**

Pode-se questionar se é o objeto de estudo ou a teoria que determina o caráter da ciência. A teoria nos permite ver relevância na observação, identidade no fato e significância nas interrelações. A esse respeito, é significativo que as diferenças entre as seis abordagens pareçam estar baseadas mais em uma perspectiva do que em um objeto de estudo. De fato, estamos lidando com diferentes níveis de abstração dentro de um sistema de parâmetros interrelacionados. Isso foi bem exposto pela museóloga americana Judith Spielbauer. Escrevendo sobre as contribuições ao Simpósio de Londres em 1983 (ICOFOM), ela conclui que essa diversidade de abordagens é melhor descrita como “um continuum com abordagens predominantemente pragmático-institucionais de um lado e uma mais generalizada abordagem da relação homem/objeto, de outro.(...) O museu permanece uma variável fundamental nesse continuum; variável esta dimensionada pela extensão em que a instituição é

considerada soberana.(...) Um consenso final, se é realmente necessário, resultará de uma clara compreensão dos aspectos comportamentais da relação homem/objeto refletida pela instituição-museu(...).”

**Reinwardt Academie**  
Dapperstraat 315  
1093 BS Amsterdam

tel 020 - 6923111  
fax 020 - 6926836

Vânia Estevam de Oliveira  
Rua Conde de Azambuja, 420 ap. 206  
Maria da Graça - Rio de Janeiro  
CEP 20785-340 Brasil

Amsterdam, 16 June 1993

## Notas

1 Os interessados em conhecer alguns textos que abordam as questões museológicas aqui tratadas podem consultar o volume 3 dos Cadernos Museológicos, IBPC, 1990. Neste periódico encontram-se artigos de Ana Gregorová, Peter van Mensch, Piet J. M. Pouw, Frans F. J. Schouten, Klaus Schreiner, Tomislav Sola, Z. Z. Stransky, Waldisa Russio e outros. (NIE)

2 Os textos de Maria Célia Teixeira Moura Santos e de Mário Chagas, publicados no período de 1984 a 1994, em forma de livro ou em periódicos, apresentam também influências do pensamento da Profª. Waldisa Russio.

Dear colleague,

Thank you for your letter from 26 May. I feel honoured by your request and of course I am happy give you permission to translate any of my articles into Portuguese (provided you send me two copies of these publications). I have always considered it as an important drawback in our profession that exchange of ideas is hampered by language barriers. I hope that also an opportunity can be found to translate some brazilian articles into english. For example, I was very interested in Mario Chagas' article "O objeto de pesquisa no caso dos museus" published in *Apariencias, memoria & cultura* (April 1991). A brazilian student at the Reinwardt Academie helped me to understand, but it would be helpful to have a translation in english.

Friendly yours,

  
Peter van Mensch